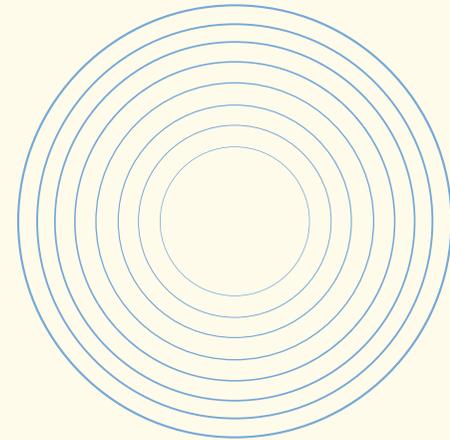


QUILOMBOLINHA

o rio está  
pronto?

escrito por  
bianca nery

Rios podem ser construídos. Entre 1958 e 1967, o canal de derivação do Rio Cubatão foi feito. O livro conta histórias específicas da comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão que se associam com o rio. Elementos como cambucá, arte da cestaria, fandango e os demais mistérios da região são reais e estão reunidos nessa produção.

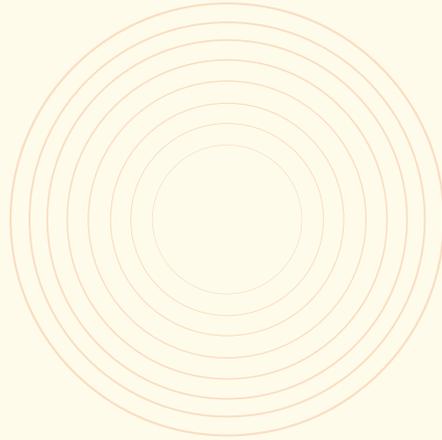


Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo no semestre de 2023.1.

Texto: Bianca Nery | Orientação: Profa. Dra. Isabel Colucci

Ilustrações: Bianca Nery | Capa: Canva Creative Studio

Quilombolinha foi a denominação elaborada pela pesquisadora Roselete Fagundes de Aviz para o conjunto de narrativas produzidas pelas crianças quilombolas de Ribeirão do Cubatão nas “Oficinas Narrativas”, a partir das histórias ouvidas na referida Comunidade. As Oficinas fazem parte de um dos eixos metodológicos do Projeto de Pós-doutorado, sob o título: “Crianças e idosos: escutas, encontros e vidas compartilhadas”, desenvolvido pela pesquisadora, no Instituto de Artes: Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, da Universidade de Brasília (UnB), sob supervisão da profa. Dra. Luciana Hartmann (2022/2023).



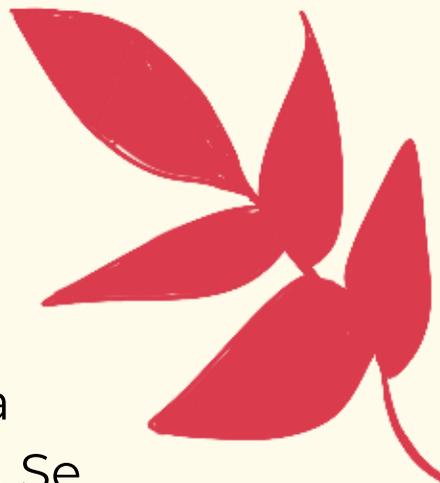
Em memória de Maria de  
Oliveira Prado, carinhosamente  
chamada de tia Lica.



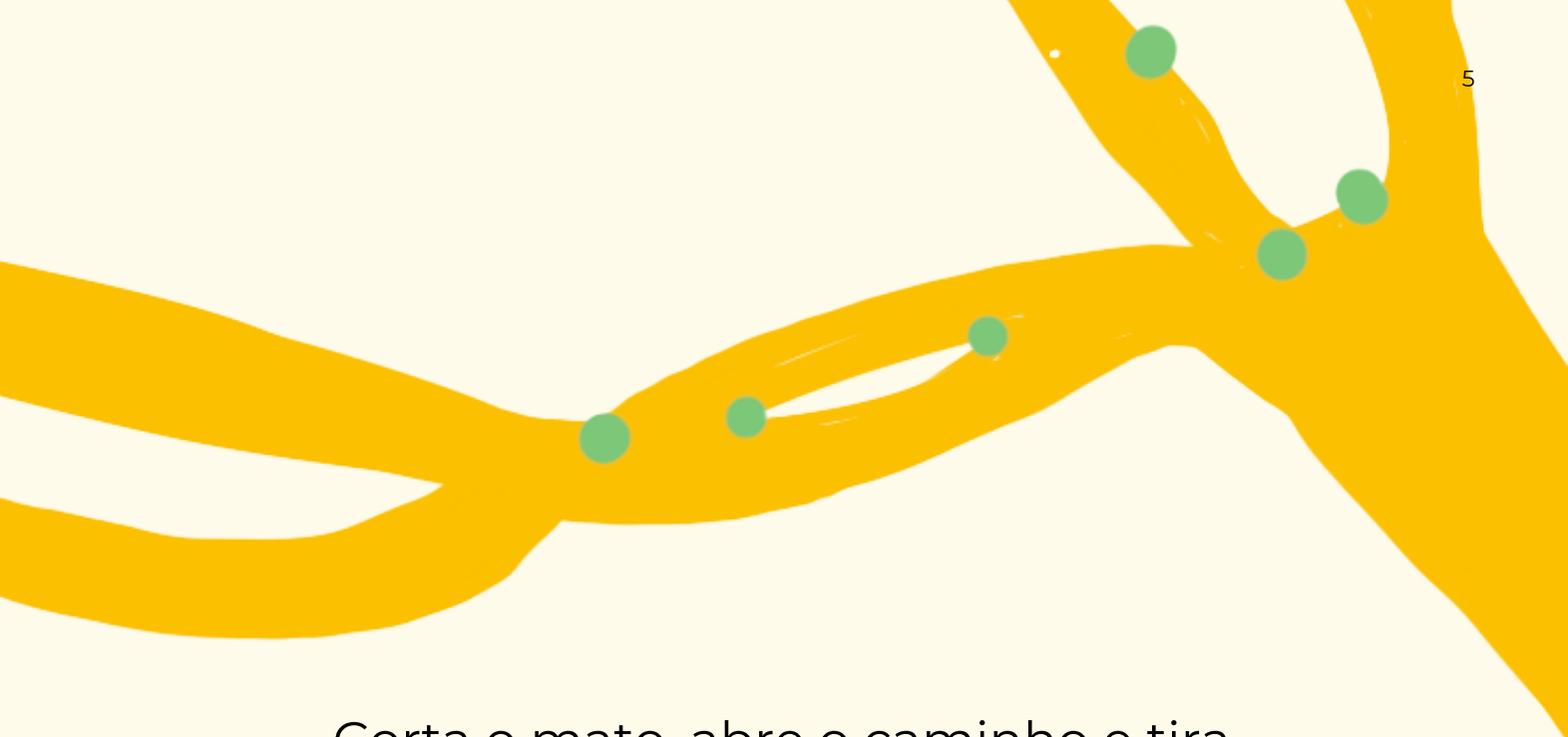
A oração para São Gonçalo fazia parte da rotina da comunidade. Se alguém ficava doente, corria-se, pegava-se o santo e o pedido para cura era feito.

Dessa vez, nenhum dos moradores do Ribeirão do Cubatão estava doente.

Pelo contrário, todos estavam bem. O pedido de agora era por outra razão: pelo nascimento das águas.







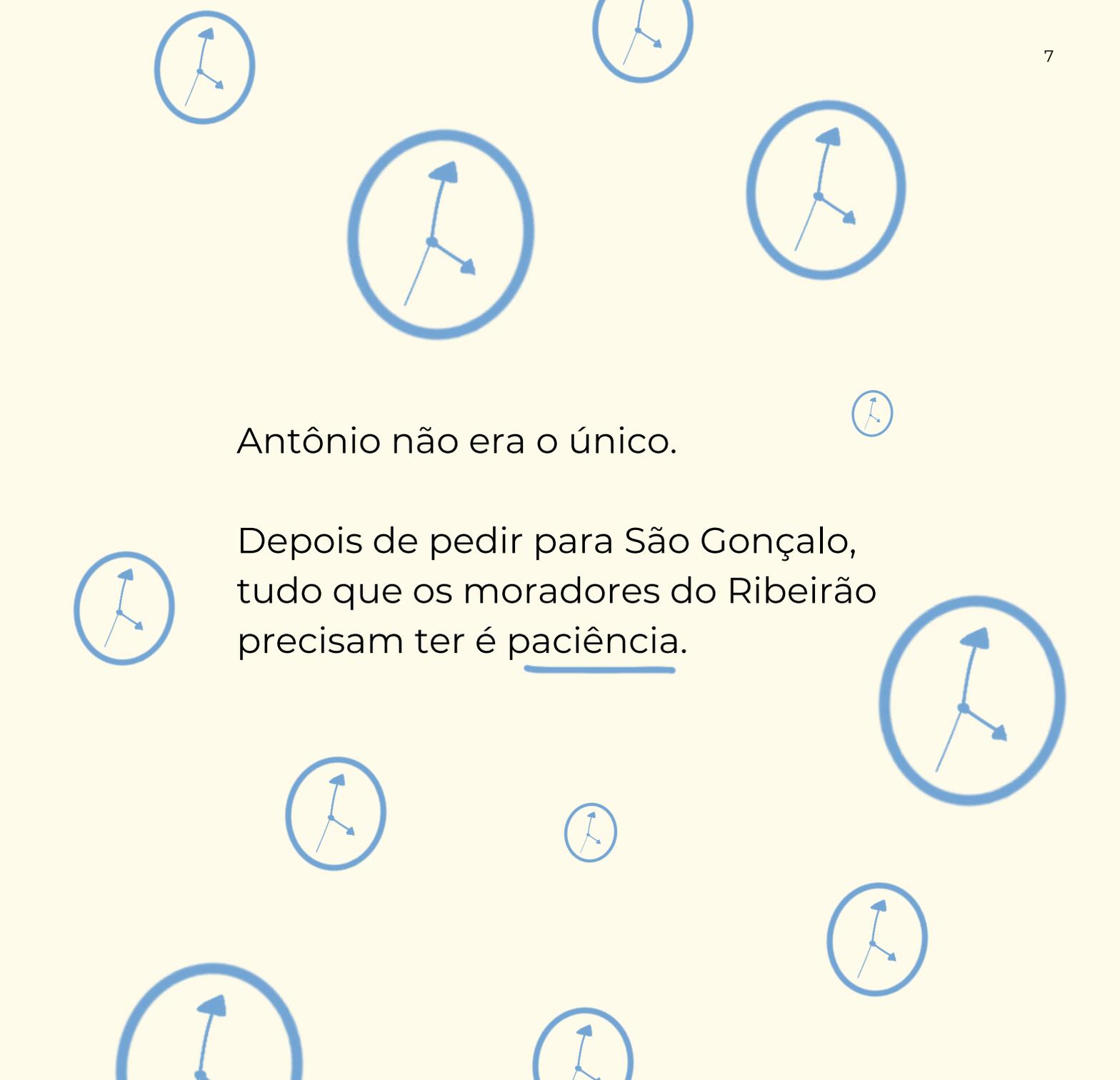
Corta o mato, abre o caminho e tira areia. Corta o mato, abre o caminho e tira areia. Corta o mato, abre o caminho e tira areia mais uma vez.

Desde que plantaram a muda do cambucá, há essa repetição.

E olha que o cambucá está quase dando frutos.

O quilombo quer que os homens que operam as máquinas parem de trabalhar. Porque se param significa que o rio está pronto.

— Esse rio é uma vala! — dizia o pequeno Antônio. Não aguentava mais esperar.

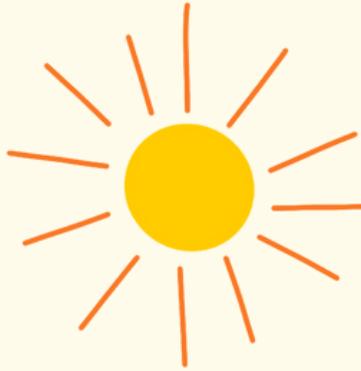


Antônio não era o único.

Depois de pedir para São Gonçalo,  
tudo que os moradores do Ribeirão  
precisam ter é paciência.

Quem não conseguiu esperar e foi espiar o rio em construção, foi o jovem Frai.

Falta muito, Chico? — perguntou para o operador da draga.  
— Menos do que você imagina — respondeu. — Em breve, todos estarão dançando para pagar promessa.



É um dia de sol e Frai está livre para fazer o que mais gosta.

Senta-se às margens do quase-rio, pega o formão e inicia o entalhe de uma peça.

Aprecia a brisa, o sol e as árvores enquanto esculpe e lixa a madeira.

Frai é um escultor. Ninguém sabe como ele aprendeu essa habilidade, é um dos mistérios do Ribeirão do Cubatão.

A peça está quase pronta. Frai precisa adicionar o último detalhe, mas espera aí...

**QUE BARULHO É ESSE?**

Um galho quebrando, passos na mata ou alguém se aproximando. Frai não consegue identificar o que ouviu.

Apesar do susto que interrompeu os entalhes, ele finaliza a obra.

O cerne retirado do mangue vira uma grandiosa escultura.



Hora de voltar para casa. O trabalho está feito.

Ao contrário do rio, que continua sendo construído.



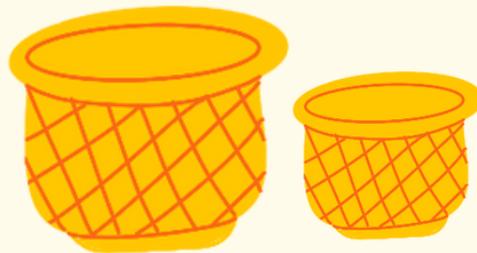
As galinhas já estavam alimentadas, o feijão de molho, mas os irmãos Rosa e Aldo ainda precisam se dedicar em mais uma tarefa.

Calçam as sandálias e vão pela estrada de chão até encontrar aquela planta de galhos elásticos.



Rosinha e Dô, como os irmãos eram conhecidos na comunidade, sabiam escolher o cipó, descascar, trançar, criar balaios e vassouras.

Aprenderam a arte da cestaria com os avós.



Após a colheita, eles mudam o caminho para tentar responder a pergunta que todos os moradores do Ribeirão do Cubatão faziam diariamente:

— O rio está pronto?

— Ainda não — Chico, o condutor da draga, responde. — São Gonçalo já ouviu as preces, falta pouco.

Antes que ele contasse mais detalhes sobre a obra para Rosinha e Dô, é interrompido por um barulho.

— O que é isso? — Rosa pergunta assustada. — Parece um ronco!

A máquina que remove a areia para abrir passagem para o rio está desligada.

**ENTÃO QUE SOM É  
AQUELE?**

Espantados, os irmãos ajeitam com pressa os cipós embaixo dos braços e voltam para casa tentando entender o barulho que ouviram.

Quem fica na beirada do quase-rio admirando o tanto que foi feito é o Chico.

Enquanto pilotava a draga durante verões, outonos, invernos e primaveras só conseguia pensar em pescar tainhota e nadar naquelas águas com toda a família.



Para pagar uma promessa feita para São Gonçalo, é preciso dançar. Um ritual é organizado para agradecer o pedido alcançado.

Existe uma mesa com o santo, tocadores de viola e sapateado de homens, mulheres e crianças.

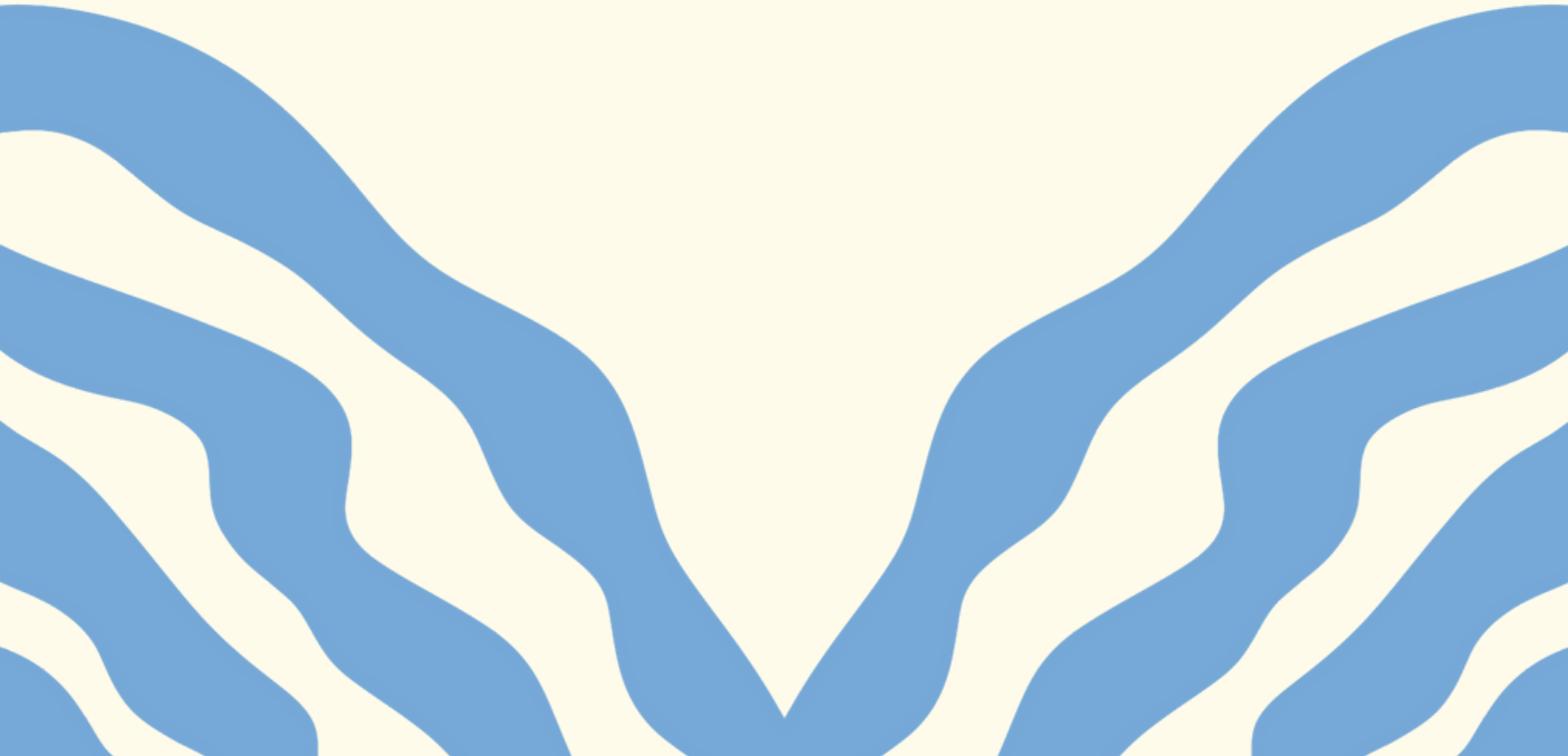
Todos pisam os sapatos no chão no ritmo da música e sempre ficam de frente para o altar.



Essa dança é o fandango.

A comemoração pode ser ouvida  
nos arredores do Ribeirão do  
Cubatão.

O rio está pronto!



Com o fim da homenagem a São Gonçalo, todo o quilombo vai, finalmente, divertir-se nas águas do rio.

O cambucá deu frutos.  
As tainhotas estão pulando.

Chico, Antônio, Frai, Rosinha, Dô, Caíque, Bia, Rufino, Álvaro, Lurdes, Renato, Sofia, Pietro, Edgar, Camile e Julio são só alguns dos moradores que nadam, brincam e festejam.

A comunidade está tão feliz que ignorou o barulho que vinha da mata.

**PASSOS? RONCO? DE  
NOVO?**

É grande, mas movimenta-se rápido. Por isso, ninguém consegue ver.

O pelo é tão macio quanto um algodão doce.

As quatro patas do felino fazem com que alguns o chamem de gato. E até seria se não fosse selvagem.

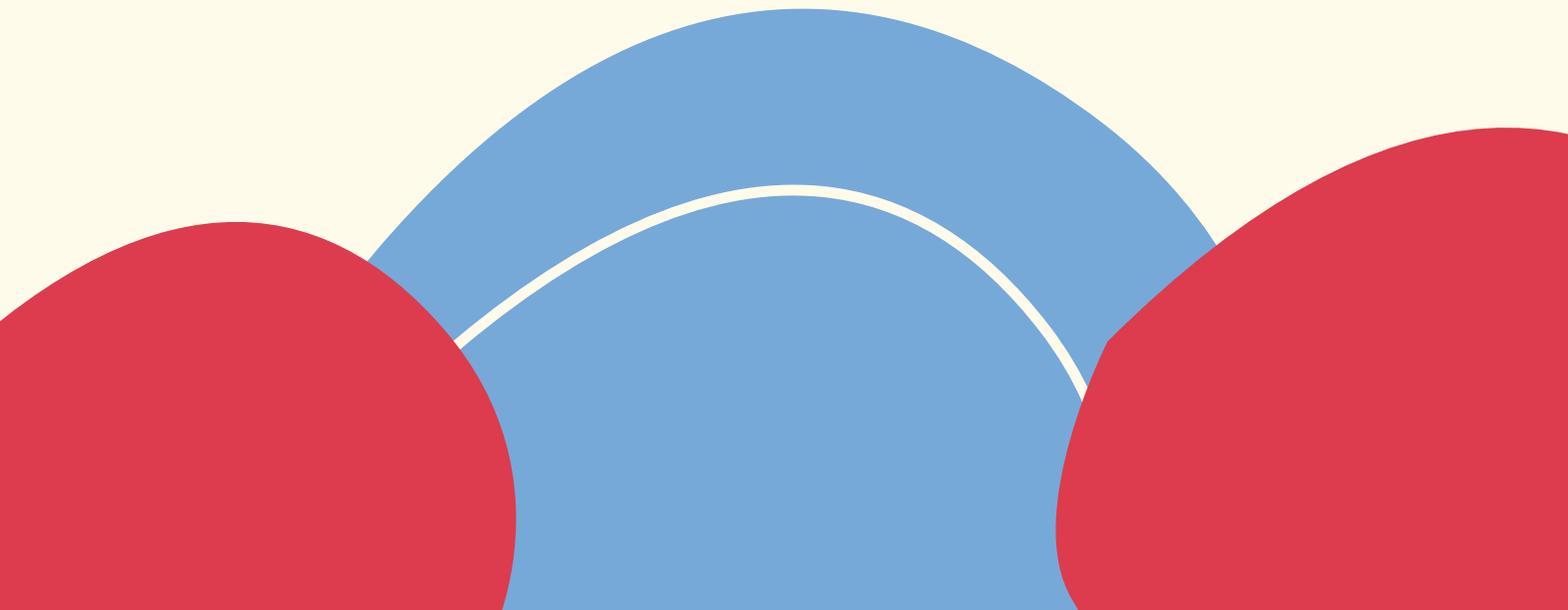
Não era mais a lenda da região.  
Era verdade.

A **ONÇA** **TAMBÉM**  
**QUERIA** VER O RIO.



Os mistérios do Ribeirão do  
Cubatão vão continuar existindo.

Agora, com um rio para conduzir as  
histórias.



Esse livro é dedicado a todos os moradores da comunidade quilombola Ribeirão do Cubatão. Em especial, a todas as crianças da região.

Espero que a leitura transporte você para o rio e para vivenciar os mistérios que só o Ribeirão tem.

